



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

Portugal. Segundo o INE, o **valor mediano de avaliação bancária** foi de €1221 em agosto, permanecendo inalterado em relação ao mês anterior. Em termos homólogos, a variação foi de 8.2%, menos 0.1 p.p. do que em julho. Este crescimento foi idêntico ao observado nas moradias e inferior ao registado na tipologia de apartamentos (9.9%). O número de avaliações bancárias ascendeu a 29 315, um aumento de 35.3% face ao mesmo mês do ano anterior.

O indicador de **clima económico** diminuiu de 1.9 para 1.6 pontos em setembro, continuando a apresentar uma tendência pouco definida desde julho. Entre os diversos setores observou-se uma redução dos indicadores de confiança na *Construção e Obras Públicas*, no *Comércio* e nos *Serviços*, enquanto na *Indústria Transformadora* o respetivo valor subiu. A **confiança dos consumidores** passou de -11.9 para -9.9 pontos, aproximando-se dos valores de pré-pandemia registados no início de 2020 (média de -8.0 pontos nos meses de janeiro e fevereiro).

Segundo as estatísticas da **atividade turística**, o setor do alojamento turístico registou 2.5 milhões de hóspedes e 7.5 milhões de dormidas em agosto, o que representa crescimentos homólogos de 35.6% e 47.6%, respetivamente, após 60.4% e 73.0% em julho. O mercado interno contribuiu com 4.2 milhões de dormidas, o que corresponde a um máximo histórico, com uma variação homóloga de 24.2%. Os mercados externos cresceram 94.5% e totalizaram 3.3 milhões de dormidas. Apesar disto, os valores são ainda muito inferiores aos observados em igual período de 2019. Enquanto as dormidas dos residentes registam um crescimento de 22.6%, as de não residentes diminuíram 46.9%.

Área Euro. A variação homóloga do **índice de preços no consumidor** aumentou em setembro, atingindo o ponto máximo dos últimos 13 anos. A inflação alcançou 3.4% após 3.0% em agosto, enquanto a inflação subjacente passou de 1.6% para 1.9%. A aceleração dos preços voltou a ser impulsionada principalmente por fatores pontuais, como preços da energia mais altos, a reversão do IVA alemão ou o aumento de preços pós-bloqueio nos serviços relacionados de lazer e acomodação. Ainda assim, é notório que o recente incremento vem ganhando um tom de maior generalização, tendo quase metade dos 100 principais componentes do cabaz de bens e serviços registado variações homólogas superiores a 2%. Em termos de componentes, o acréscimo na variação homóloga deveu-se ao maior contributo da energia (para 1.6 pp) e dos serviços (0.7 pp), enquanto o contributo da alimentação e bebidas se manteve inalterado (0.5 pp) e o dos bens não-industriais registou uma ligeira redução (0.6 pp).

Em setembro, o **Indicador de Sentimento Económico (ISE)** evidenciou uma subida de 0.2 pontos, para 117.8, permanecendo desta forma próximo do máximo histórico. A rubrica das *Expectativas de Emprego* subiu 0.8 pontos, para 113.6, atingindo a leitura mais elevada desde 2018. Em termos setoriais, o sentimento permaneceu globalmente estável na *indústria* (+0.3 pontos para 14.1), tendo descido nos setores dos *serviços* (-1.7 pontos, para 15.1) e do *comércio a retalho* (-3.3 pontos para 1.3). Estas diminuições foram compensadas por aumentos na *construção* (+2.0, para 7.5) e da *confiança dos consumidores* (+1.3, para -4.0). As pressões inflacionistas continuam a ser bastante expressivas nos setores da indústria, serviços e retalho. No entanto, não existem evidências que estas tensões se estejam a repercutir sobre a confiança dos consumidores.

Em termos nacionais, o sentimento económico, registou uma maior queda na Grécia (-3.3 pontos, para 109.7) e na Bélgica (-3.1, para 113.5), em contraste com a forte subida em Espanha de 1.7 pontos (109.4). Entre os principais países, o registo de confiança mais elevada verificou-se na Alemanha (118.0 pontos), seguido de Itália (116.8) e França (111.1), em qualquer um dos casos superior ao verificado em Portugal (107.1), onde a melhoria foi de 0.8 pontos.

EUA. O indicador de **confiança do consumidor**, medido pelo *Conference Board* voltou a diminuir em setembro, o que correspondeu ao terceiro mês consecutivo de decréscimos. O índice fixou-se em

109.3 pontos, após 115.2 em agosto. Tanto o índice das *condições atuais*, como das *expetativas* caíram para 143.4 e 86.6 pontos, respetivamente, após 148.9 e 92.8 pontos no mês anterior. A disseminação da variante *Delta* continuou a afetar o otimismo dos consumidores, o que por sua vez afeta as perspetivas de curto-prazo, indicadas pela queda nas intenções de compra de casa, automóveis e grandes eletrodomésticos.

O **indicador da atividade industrial** da região de **Richmond** caiu para -3.0 pontos em setembro, após 9.0 no mês anterior, o que representa o nível mais baixo desde maio do ano passado, coincidente com a queda nos indicadores de expedição de encomendas e novas encomendas. No mesmo mês, o indicador análogo da região de **Dallas** diminuiu 4.4 pontos, para 4.6. Apesar do índice de produção e expedição de encomendas ter registado uma subida, as componentes associadas à procura, tal como as novas encomendas caíram.

O índice de **preços das despesas do consumo privado** (PCE), a medida de referência da Reserva Federal, subiu 0.4% em agosto, com aumentos tanto ao nível dos bens (0.6%), como dos serviços (0.3%). Em termos homólogos, o indicador avançou 4.3%, após 4.2% em julho. Em relação ao crescimento do **PCE subjacente**, a variação foi de 3.6%, idêntica à registada no mês anterior.

PMI. Os **Purchasing Managers Indexes** (PMI) respeitantes à evolução da atividade no setor industrial registaram, com algumas exceções, uma tendência de decréscimo em setembro, embora permaneçam em valores muito elevados, numa ótica histórica. Em termos globais, o indicador compósito desceu de 55.5 para 55.0 pontos (máximo histórico de 57.7 em maio) em função da descida de 0.8 pontos no bloco desenvolvido (56.5). No bloco emergente permaneceu inalterado (52.8 pontos). Destaque positivo para o **ISM manufacturing**, que regressou acima dos 60 pontos, ao subir de 59.9 para 61.1, o melhor resultado em quatro meses. Este valor suplantou o resultado da Área Euro (58.6). Entre as principais economias, os destaques negativos vão para os resultados na China (49.6) e na Rússia (49.8).

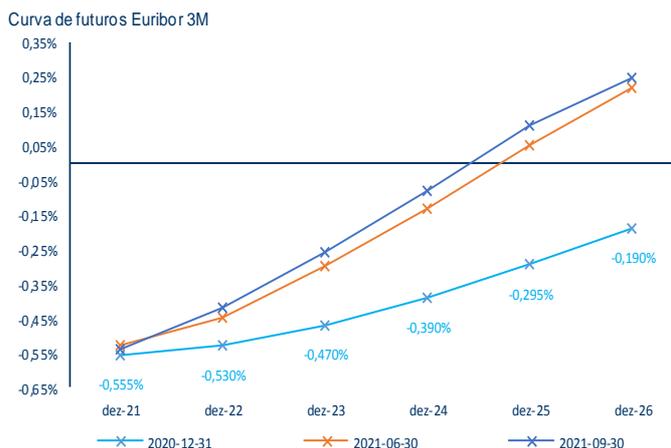
1.2 Mercados Financeiros – 3.º Trimestre de 2021

Nos mercados financeiros, o terceiro trimestre de 2021 ficou marcado por dois momentos distintos na maioria das classes de ativos. Até sensivelmente ao final de agosto sobressaiu a reduzida volatilidade, com as taxas de juro a permanecerem globalmente baixas levando os índices acionistas a atingir novos máximos históricos ou anuais. Estes movimentos foram suportados pela eficácia e implementação dos programas de vacinação à medida que atividade económica continuou a sua normalização.

Em setembro assistiu-se, pelo contrário, a uma correção dos ativos de risco, sobretudo das ações, a par de um incremento das taxas de juro de longo prazo. A incerteza relativa ao futuro da política monetária dos principais bancos centrais, em conjunto com a manutenção de pressões inflacionistas, levou à adoção de uma postura mais defensiva por parte dos investidores, acentuada pelos receios gerados pela situação da empresa imobiliária chinesa *Evergrande*.

No **mercado monetário**, as taxas Euribor registaram alterações ligeiras ao longo dos últimos três meses em todos os prazos de referência. Apesar da expectativa de redução na compra de ativos por parte do BCE em 2022, isso não se refletiu durante grande parte do trimestre, dada a manutenção das condições de financiamento e liquidez na região, com as taxas Euribor a diminuírem, em particular a *yield* a 6 meses (-1.3 p.b., para -0.528%). Em setembro, o ambiente geral de aumento de *yields* refletiu-se sobretudo na taxa a 12 meses, com uma variação de +1.3 p.b. no mês, fixando-se em -0,488% (+1.1 p.b. em termos anuais).

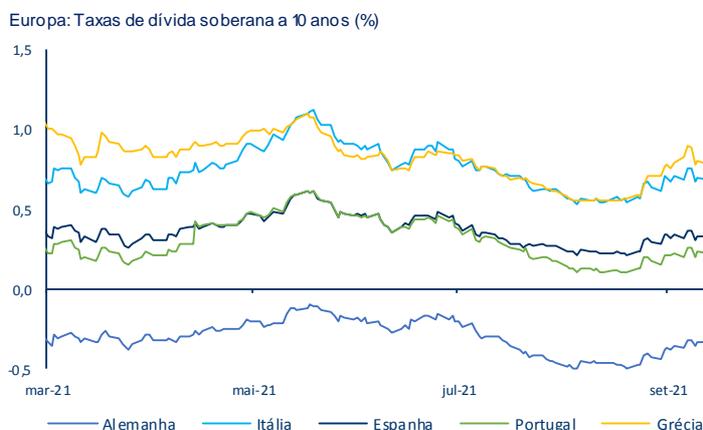
Ao longo da curva de futuros da Euribor a 3 meses observou-se um aumento em todas as maturidades desde a segunda metade de agosto, permanecendo em valores negativos até março de 2025 (-0.045%). As taxas nos vencimentos de dezembro/2025 e 2026 fixaram-se em 0.11% e 0.25% (+5.5 e + 3 p.b. no 3.º trimestre).



As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** terminaram o terceiro trimestre com uma subida generalizada, embora moderada. A tendência de agravamento de taxas ocorreu essencialmente no último mês na sequência das reuniões da *Fed* e do BCE. A redução de estímulos monetários por parte dos bancos centrais (já iniciada noutras economias emergentes mas também em países desenvolvidos) em conjunto com o aumento de inflação, parecem estar na origem da inversão da correção verificada entre junho e agosto.

No trimestre em análise, as taxas de juro a 10 anos registaram uma variação compreendida entre +30.6 p.b. no Reino Unido (1.02%) e -3.5 p.b. em Portugal (0.36%), a única obrigação soberana europeia a apresentar uma descida trimestral. Depois da maioria das *yields* ter atingido em agosto o valor mais baixo desde fevereiro, casos de Portugal (0.10%) ou da Alemanha (-0.50%), verificou-se um forte incremento das mesmas, com o *Bund* alemão a aumentar 18.4 p.b. e a fixar-se em -0.20%, precisamente o máximo observado no 3º trimestre de 2021.

No mês de setembro, a inclinação da curva de rendimentos sofreu um *steepening* acentuado a nível europeu (diferencial de 49 p.b. na Alemanha), algo que no caso dos EUA também ocorreu, embora o efeito tenha sido atenuado pela correção em julho e agosto (diferencial de 121 p.b.). As *yields* a 10 e 30 anos norte-americanas registaram um movimento de lateralização ao longo do trimestre (+1.9 e -4.1 p.b.), mas subiram 17.9 e 11.3 p.b. em setembro, para 1.49% e 2.04% motivado pelos receios inflacionistas, com as pressões a poderem permanecer relativamente elevadas durante mais tempo que o inicialmente previsto.





Nos **mercados acionistas** continuou a observar-se um clima de otimismo traduzido em valorizações acentuadas e máximos históricos até ao final de agosto, tanto ao nível dos países desenvolvidos, como em alguns países emergentes.

A retoma da atividade económica e os programas de vacinação que impulsionaram as bolsas na primeira metade do ano não foram muito afetados pelas novas variantes e vagas de COVID-19.

A continuação da divulgação de indicadores económicos acima do esperado e a apresentação de fortes resultados das empresas referentes ao segundo trimestre derivados da recuperação do consumo privado e melhoria da confiança dos consumidores foram os fatores determinantes.

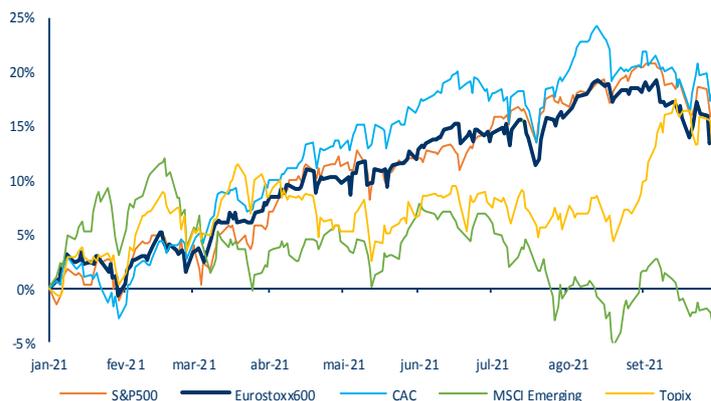
No entanto, os sinais de abrandamento económico em alguns países entre os quais a China, a par da questão relativa ao setor imobiliário desencadeado com as dificuldades financeiras da empresa *Evergrande* por um lado, e a intensificação do debate quanto à evolução da política monetária dos principais bancos centrais, por outro, conduziu a uma correção da maioria dos índices mundiais em setembro (o *Eurostoxx600* sofreu a maior queda mensal desde novembro de 2020).

Nos EUA, o *S&P500* e o *Nasdaq* desvalorizaram 4.8% e 5.3% em setembro, respetivamente, o que representa a variação negativa mensal mais acentuada desde março de 2020, período do início da crise pandémica. Na Europa, o *Eurostoxx600* desvalorizou 3.4% (+0.4% no 3.º trimestre) liderado pelo *DAX* alemão (-3.6%). Em sentido positivo, o *PSI20* português terminou o trimestre com um ganho de 8.5%, em contraciclo com os restantes índices nacionais, beneficiando da valorização dos setores financeiro e energético.

Os dois setores referidos estiveram igualmente em destaque a nível europeu, fechando o trimestre com valorizações de 6.9% e 6.1%, respetivamente, ao contrário do retalho e produtos domésticos que corrigiram 7.4% e 6.9%.

Nos mercados emergentes, o *MSCI* encerrou com uma perda de 8.8% (-4.4% em setembro), liderado pelo *Hang Seng* de HK (-14.8%) e *Bovespa* brasileiro (-12.5%), enquanto o *Sensex* na Índia (+12.7% no 3.º trimestre) continuou a valorizar em 2021 (+23.8%), suportado pela injeção de liquidez em termos globais e a recuperação das empresas.

Evolução dos principais índices acionistas (base=dez/20)



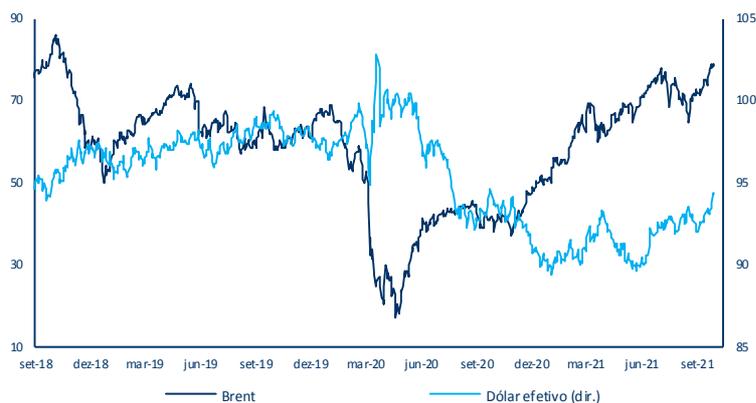
Nos **mercados cambiais**, o dólar efetivo atingiu os valores mais elevados dos últimos 12 meses, favorecido pelas expectativas de que a Reserva Federal diminua os estímulos monetários a partir de novembro e inicie o aumento de taxa diretora no próximo ano, aliado à subida das *yields* das obrigações do tesouro norte-americano. Face ao euro, registou uma apreciação de 2.3%, movimento acentuado pela aparente postura mais conservadora do BCE comparativamente à Reserva Federal.

Nas **matérias-primas**, a cotação do petróleo sofreu alguma volatilidade nos últimos meses após a recuperação de cerca de 50% no primeiro semestre. O *brent* valorizou 4.9% no terceiro trimestre, para €78.8/barril (+10.6% em setembro) e atingiu o valor mais elevado desde outubro de 2018. Este desempenho continuou a ser justificado pela crescente procura mundial e pelas limitações impostas do lado da oferta pelos países petrolíferos, a que acresceu a redução de inventários e produção desencadeada pelos efeitos climáticos adversos nos EUA do último mês.

De realçar a subida de 60.7% do preço do *gás natural* norte-americano (\$5.86/MMBtu) devido à queda de inventários na Europa e forte procura da China.

Nos metais preciosos, destaque para a queda de 0.7% e 15.1% do ouro e da prata respetivamente, refletindo a apreciação do dólar e apesar dos riscos de inflação permanecerem presentes.

Evolução da cotação do Brent (\$/bbl) e do dólar efetivo (\$)



2. Temas da semana

2.1 Portugal e Área Euro - Mercado de trabalho - agosto de 2021

O INE e o Eurostat divulgaram os dados respeitantes ao mercado de trabalho referentes ao mês de agosto.

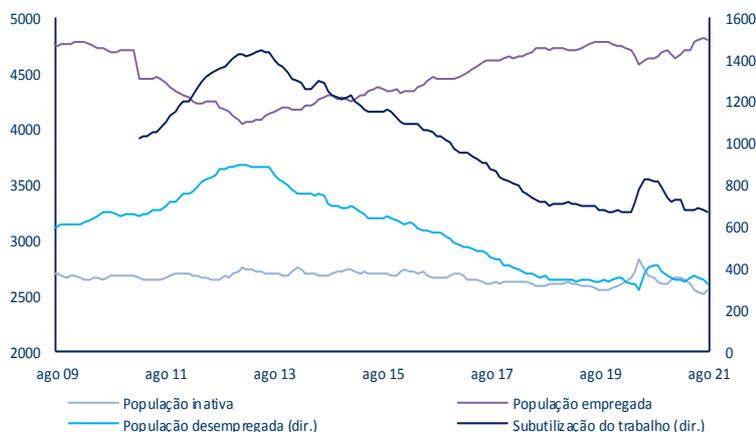
Em **Portugal**, o INE estima que a **população ativa** tenha registado um decréscimo de 0.8%, o que corresponde a menos 41.8 mil pessoas, fixando-se em 5124.8 mil pessoas. A **taxa de atividade** situou-se em 66.7%, uma diminuição de 0.6 p.p. relativamente a julho e uma quebra de 0.8 p.p. face a agosto de 2020.

No que respeita à **população empregada**, os dados disponibilizados evidenciam uma descida mensal de 27.8 mil pessoas, situando-se em 4799 mil pessoas, mas superior em 162.2 mil pessoas em comparação a um ano atrás. Em relação ao período pré-pandemia, esta população aumentou em 76.9 mil pessoas, superando já esse nível. A **taxa de emprego** estimada foi de 62.3% (62.9% em julho).

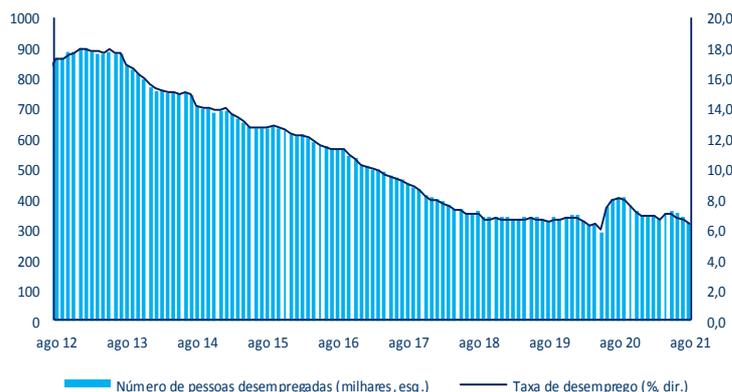
Relativamente ao **desemprego**, o INE estimou uma redução mensal de cerca de 13.9 mil pessoas (-4.1%), atingindo 325.9 mil. Em comparação com o período homólogo de 2020, a população desempregada diminuiu 20.1% (82.1 mil pessoas) e 1.1% face ao mesmo mês de 2019.

A **taxa de desemprego** reduziu-se pelo terceiro mês consecutivo, desta feita de 6.6% para 6.4%, o que representa a leitura mais baixa desde maio de 2020 (6.0%). No entanto, é de lembrar que as leituras do ano anterior sofreram distorções estatísticas, pois uma percentagem substancial da população foi direcionada para a população inativa devido às restrições impostas e aos programas de suporte ao rendimento das famílias, muitas impedidas de procurar emprego. A observação média dos primeiros oito meses do ano é de 6.8%.

Portugal: Evolução da população empregada, desempregada, inativa e subutilização de trabalho (milhares de pessoas)



Portugal: Número de pessoas desempregadas e taxa de desemprego



A estimativa para a **população inativa** correspondeu a 2553.8 mil pessoas, ou um incremento de 1.6% (41.0 mil pessoas) face a julho. Em relação ao período homólogo de 2020, verificou-se uma redução de 3.6%. A **taxa de inatividade** situou-se em 33.3%, 0.6 p.p. acima do valor do mês anterior.

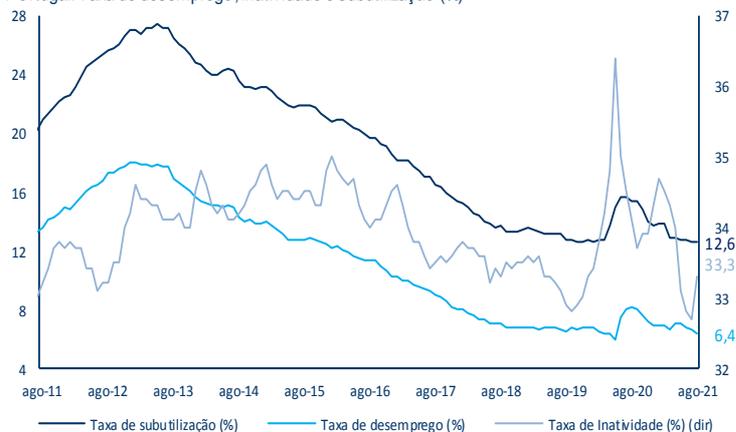
A **subutilização do trabalho**, uma medida mais abrangente do desemprego, situou-se em 667.8 mil pessoas no mês em análise, o que representa um decréscimo de 7.2 mil (-1.1%) face a julho e de 142.1 mil (-17.5%) em relação ao mês homólogo. A **taxa de subutilização do trabalho** foi de 12.6%, idêntica à de julho, mas inferior em 2.8 p.p. em relação ao período homólogo. Esta taxa encontra-se em linha com o observado no período pré-pandemia.

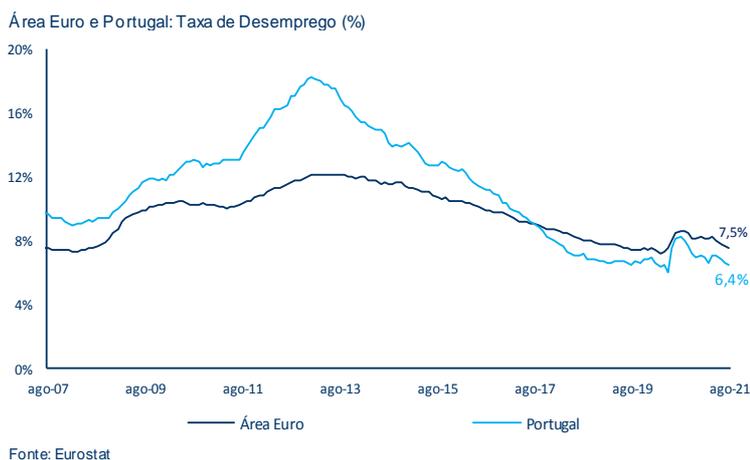
Ao nível da **Área Euro**, a taxa de desemprego caiu 0.1 p.p., para 7.5% em agosto, refletindo uma queda mensal do número de desempregados em 261 mil pessoas.

Em relação ao mês de fevereiro de 2020, o nível de desempregados é ainda superior em 74 mil, enquanto a taxa de desemprego permanece próxima das leituras do final de 2019.

Em comparação com os principais países europeus, importa salientar a descida da taxa de desemprego em 0.5 p.p., para 14.0%, em Espanha, enquanto na Alemanha (3.6%), França (8.0%) e Itália (9.3%) os respetivos valores permaneceram inalterados.

Portugal: Taxa de desemprego, inatividade e subutilização (%)

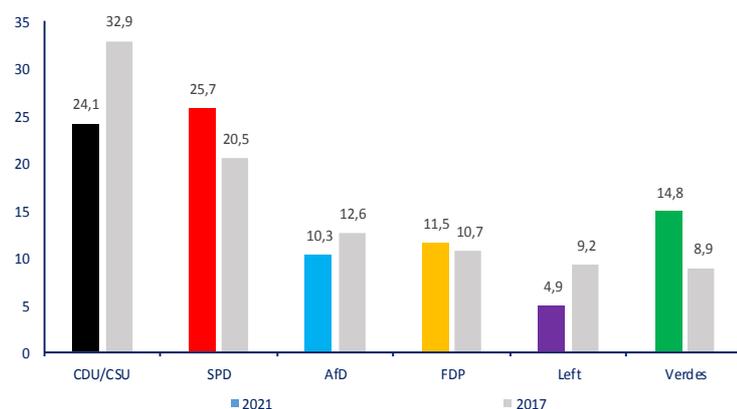




2.2 Eleições legislativas na Alemanha: possíveis cenários

As eleições na Alemanha para o Bundestag (parlamento) ditaram uma vitória do SPD e de Olaf Scholz como provável próximo Chanceler. O partido obteve 25.7% dos votos, enquanto o bloco liderado pelos democratas-cristãos, de Armin Laschet, obteve 24.1%, um resultado muito inferior ao obtido nas últimas eleições de 2017 e o resultado mais fraco desde 1949. Apesar de ambos os líderes terem afirmado que pretendem chefiar o próximo governo, os Verdes (14.8%) e os democratas liberais do FDP (11.5%) indicaram que deverão em breve dar início a negociações bilaterais. Este resultado coincidiu com as sondagens das últimas semanas, pelo que não constituiu uma surpresa para os investidores.

Resultado das eleições alemãs para o Bundestag (2021 vs. 2017)



No que diz respeito às possíveis coligações que obtêm maiorias no parlamento alemão (mais de 368 mandatos), são várias as soluções: (i) “*Traffic Light*” (Coligação SPD, FDP e Verdes); (ii) “*Jamaica*” (Coligação CDU/CSU, Verdes e FDP); e (iii) “*Grand Coalition*” (SPD e CDU/CSU). As coligações “*Germany*” (Coligação SPD, CDU/CSU e FDP); e “*Kenya*” (Coligação CDU/CSU, SPD e Verdes) não deverão ser possíveis devido ao referido acordo bilateral anteriormente referido entre os Verdes e os

Liberais. Com ambos os candidatos dos maiores partidos a reivindicar o direito de liderar o próximo governo, a probabilidade de formação de Governo recai assim sobre as três primeiras opções, "Traffic Light", "Jamaica" ou "Grand Coalition" nos próximos meses. De um ponto de vista económico, ambos os desfechos seriam positivos devido a uma maior componente de investimento público, bem como ao potencial para uma postura orçamental menos restritiva, o qual poderia impulsionar as perspetivas de crescimento a longo prazo da Alemanha. No que diz respeito à sua posição em relação à Europa, qualquer futuro governo alemão destas três opções deverá manter uma posição pró-europeia.

Enquanto o SPD pretende tornar o *NextGenerationEU* permanente, a CDU/CSU quer que este mecanismo tenha um carácter temporário. Não obstante, as futuras negociações acerca da coligação deverão ser longas, dado a complexidade dos temas. Após as eleições de 2017 foram necessários 172 dias para formar o anterior governo de coligação. Segundo as recentes sondagens, existe uma preferência da população pela coligação "Traffic Light", no entanto, a coligação "Jamaica" seria a de mais fácil negociação.

		Eleições Alemãs: Sumário dos programas dos diferentes partidos					
		SPD	CDU/CSU	Verdes	FDP	The Left	AfD
Política económica	Investimentos de 50 mil milhões de euros/ano (infra-estruturas, digitalização, clima)	Redução da burocracia	Investimentos de 50 mil milhões de euros/ano (infra-estruturas, digitalização, clima)	Apoiar o Mittelstand alemão	Salário mínimo de 13 euros/hora e 30h/4 dias de trabalho semanal	Política de imigração e refugiados mais rigorosa	
	Estratégia industrial de longo prazo em linha com o New Deal Verde da UE	Proteção climática através da inovação e novas tecnologias	Aumento do preço de CO2 para 60 euros/tonelada em 2023	Redução da burocracia e o papel do Estado após a pandemia	Pensão mínima/rendimento básico de 1200 euros e redução da idade de reforma para 65	Mais protecção	
	Salário mínimo nacional de 12 euros/hora	Apoiar o Mittelstand alemão e indústria automóvel	Salida da energia alimentada a carvão até 2030	Apoiar o investimento privado	Mais investimentos públicos (120 mil milhões de euros por ano)	Investimento em tecnologia e educação através do "Blue Deal"	
	Greening dos mercados de capitais (mais emissão de obrigações verdes)		Salário mínimo nacional de 12 euros/hora	Greening dos mercados de capitais	Gastar 1% das receitas em IVA na educação	Reforçar a negociação sindical	Apoiar o Mittelstand alemão e indústria automóvel
Política Fiscal	Impostos mais baixos para os rendimentos baixos e médios e mais altos para os rendimentos altos e riqueza	Não aumentar os impostos	Impostos mais baixos para os rendimentos baixos e médios e mais altos para os rendimentos altos e riqueza	Imposto às empresas de 25%	Impostos mais baixos para os rendimentos baixos e médios e mais altos para os rendimentos altos e riqueza	Conservadorismo fiscal	
	Sam política orçamental equilibrada (mas em conformidade com o travão da dívida)	Imposto às empresas de 25%	Reforma do travão da dívida para permitir investimentos	Reduzir impostos sobre rendimento	Introduzir um imposto digital	Acabar com o preço do CO2	
	Alívio da dívida para municípios altamente endividados	Retomar as regras de saldo orçamental equilibrado e travão da dívida pública	Imposto sobre o rendimento das sociedades a nível europeu de 25%	Retomar as regras de saldo orçamental equilibrado e travão da dívida pública	Eliminar o travão da dívida		
Europa	Integração pró-UE (tomar permanente o fundo de recuperação da UE)	Posição Pro-EU	Posição pró-UE	Posição pró-EU, reforçar autonomia estratégica e defesa	Posição anti-austeridade	Salida UE/euro	
	Transformar o MSE em fundo monetário europeu	Manter relações próximas entre Alemanha e França	Maior orçamento da UE e novos recursos próprios da UE (imposto digital e de plásticos)	Expandir o EU Emissions Trading System a todos os setores de transporte	Plano europeu de investimento	Contra dívida e impostos europeus	
	Salário mínimo UE	Apoiar o EU Green Deal	Reforçar o fundo de recuperação da UE e torná-lo instrumento permanente do orçamento da UE	Regras de competição a nível europeu	Instrumentos de dívida comuns da UE	Acabar com a política de taxas baixas do BCE	
	Completar a união bancária	Retomar as regras orçamentais na Europa, NGEU é temporário e opor-se à mutualização da dívida	Transformar o MEE em Fundo Monetário Europeu	NGEU é temporário	Tornar o BCE democraticamente responsável e permitir o financiamento monetário	Opõe-se ao Green Deal europeu	
Política Internacional	Criar o Ministro dos Negócios Estrangeiros da UE e reforçar a união da defesa	Pro multilateralismo e NATO	Maiores contribuições para a ONU e OMS	Pro multilateralismo e NATO	Posição anti-militar, crítica à NATO	Fortalecimento dos laços com a Rússia, China e Reino Unido	
	Pro multilateralismo e NATO	Reforçar os laços entre os EUA e dialogar com Rússia, Turquia e China	A igualdade de género nas negociações multilaterais	Reformar a OMC e comércio mundial	Contra a união de defesa da UE	Mais despesa em defesa	
	Cooperação e diálogo com os EUA, Rússia e China	Manter boas relações com a Polónia	Cooperação mais estreita da política externa e de defesa da UE	Posição crítica da Rússia, retomar diálogo com a China	Reduzir as despesas de defesa em 10%	Contra FTAs e Acordo Climático de Paris	
	Pro FTAs	Reforçar a cooperação na defesa da EU	Posição crítica em relação à Rússia, Turquia e China	FTA Transatlântico	Posição pró-russa		
			Contestar o Gasoduto Nord Stream 2	Reformar a ONU	Contra os FTAs		

3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 30 de setembro)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	30-jun-21	31-ago-21	30-set-21	2021 YTD	1.º Semestre	3.º Trimestre	Setembro
EURIBOR Act/360 dias								
1 mês	-0,554	-0,569	-0,554	-0,563	↓ -0,009	↓ -0,015	↑ 0,006	↓ -0,009
3 Meses	-0,545	-0,542	-0,548	-0,545	→ 0,000	↑ 0,003	↓ -0,003	↑ 0,003
6 Meses	-0,526	-0,515	-0,522	-0,528	↓ -0,002	↑ 0,011	↓ -0,013	↓ -0,006
12 Meses	-0,499	-0,483	-0,501	-0,488	↑ 0,011	↑ 0,016	↓ -0,005	↑ 0,013
LIBOR USD Act/360 dias								
LIB 1 mês	0,144	0,101	0,083	0,082	↓ -0,062	↓ -0,043	↓ -0,018	↓ 0,000
LIB 3 meses	0,238	0,146	0,120	0,131	↓ -0,108	↓ -0,093	↓ -0,015	↑ 0,011
LIB 6 meses	0,258	0,160	0,150	0,157	↓ -0,100	↓ -0,098	↓ -0,002	↑ 0,008
LIB 12 meses	0,342	0,246	0,228	0,241	↓ -0,101	↓ -0,096	↓ -0,006	↑ 0,013

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	30-jun-21	31-ago-21	30-set-21	2021 YTD	1.º Semestre	3.º Trimestre	Setembro
Portugal	0,030	0,390	0,211	0,355	↑ 0,325	↑ 0,360	↓ -0,035	↑ 0,144
Espanha	0,047	0,412	0,338	0,459	↑ 0,412	↑ 0,365	↑ 0,047	↑ 0,121
Grécia	0,628	0,833	0,767	0,877	↑ 0,249	↑ 0,205	↑ 0,044	↑ 0,110
Itália	0,543	0,819	0,709	0,858	↑ 0,315	↑ 0,276	↑ 0,039	↑ 0,149
França	-0,338	0,126	-0,030	0,155	↑ 0,493	↑ 0,464	↑ 0,029	↑ 0,185
Alemanha	-0,569	-0,207	-0,383	-0,199	↑ 0,370	↑ 0,362	↑ 0,008	↑ 0,184
Reino Unido	0,197	0,716	0,714	1,022	↑ 0,825	↑ 0,519	↑ 0,306	↑ 0,308
Suíça	-0,550	-0,222	-0,319	-0,164	↑ 0,386	↑ 0,328	↑ 0,058	↑ 0,155
EUA	0,913	1,468	1,309	1,487	↑ 0,574	↑ 0,555	↑ 0,019	↑ 0,179
Japão	0,021	0,058	0,025	0,072	↑ 0,051	↑ 0,037	↑ 0,014	↑ 0,047

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	30-jun-21	31-ago-21	30-set-21	2021 YTD	1.º Semestre	3.º Trimestre	Setembro
Eurostoxx 600	399	453	471	455	↑ 14,0%	↑ 13,5%	↓ 0,4%	↓ -3,4%
IBEX	8074	8821	8847	8796	↑ 9,0%	↑ 9,3%	↓ -0,3%	↓ -0,6%
CAC	5551	6508	6680	6520	↑ 17,4%	↑ 17,2%	↑ 0,2%	↓ -2,4%
DAX	13719	15531	15835	15261	↑ 11,2%	↑ 13,2%	↓ -1,7%	↓ -3,6%
FTSE	6461	7037	7120	7086	↑ 9,7%	↑ 8,9%	↑ 0,7%	↓ -0,5%
PSI20	4898	5035	5417	5461	↑ 11,5%	↑ 2,8%	↑ 8,5%	↑ 0,8%
S&P 500	3756	4298	4523	4308	↑ 14,7%	↑ 14,4%	↑ 0,2%	↓ -4,8%
Nasdaq	12888	14504	15259	14449	↑ 12,1%	↑ 12,5%	↓ -0,4%	↓ -5,3%
Topicx	1805	1944	1961	2030	↑ 12,5%	↑ 7,7%	↑ 4,5%	↑ 3,5%
MSCI Emerg	1291	1375	1309	1253	↓ -3,0%	↑ 6,5%	↓ -8,8%	↓ -4,2%
Shanghai	3473	3591	3544	3568	↑ 2,7%	↑ 3,4%	↓ -0,6%	↑ 0,7%

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	30-jun-21	31-ago-21	30-set-21	2021 YTD	1.º Semestre	3.º Trimestre	Setembro
EUR/USD	1,2216	1,1858	1,1809	1,1580	↓ -5,2%	↓ -2,9%	↓ -2,3%	↓ -1,9%
EUR/JPY	126,18	131,75	129,92	128,88	↑ 2,1%	↑ 4,4%	↓ -2,2%	↓ -0,8%
EUR/GBP	0,8937	0,8572	0,8585	0,8593	↓ -3,9%	↓ -4,1%	↑ 0,2%	↑ 0,1%
EUR/CHF	1,0812	1,0969	1,0808	1,0786	↓ -0,2%	↑ 1,4%	↓ -1,7%	↓ -0,2%
EUR/AOA	795,17	775,00	758,54	701,91	↓ -11,7%	↓ -2,5%	↓ -9,4%	↓ -7,5%
EUR/MZN	91,50	75,65	75,56	73,93	↓ -19,2%	↓ -17,3%	↓ -2,3%	↓ -2,2%
Petróleo (Brent \$)	51,17	75,12	71,24	78,77	↑ 53,9%	↑ 46,8%	↑ 4,9%	↑ 10,6%
Ouro (\$)	1898,36	1770,11	1813,62	1756,95	↓ -7,4%	↓ -6,8%	↓ -0,7%	↓ -3,1%
Prata (\$)	26,40	26,13	23,89	22,17	↓ -16,0%	↓ -1,0%	↓ -15,1%	↓ -7,2%
Cobre (\$)	351,90	429,65	436,00	408,90	↑ 16,2%	↑ 22,1%	↓ -4,8%	↓ -6,2%
Soja (\$)	1315,25	1450,00	1298,75	1256,00	↓ -4,5%	↑ 10,2%	↓ -13,4%	↓ -3,3%
Milho (\$)	484,00	720,00	534,00	536,75	↑ 10,9%	↑ 48,8%	↓ -25,5%	↑ 0,5%

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.